

BRASIL À BASE DE REMÉDIOS

Mais de 56,6 milhões de caixas de calmantes e medicamentos para dormir foram vendidas em 2018. Será que cabe mesmo aos comprimidos o papel de aplacar todos os seus problemas?



Flavia Francellino
flsilva@sp.universal.org.br

Em 2018 foram comercializadas mais de 56,6 milhões de caixas de medicamentos para controlar a ansiedade e para ajudar a dormir. Por hora, foram vendidas 6.471 caixas e, em 365 dias, possivelmente ingeridos um total de 1,4 bilhão de comprimidos.

Os números são do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) e fazem parte de um levantamento de oito princípios ativos: alprazolam, bromazepam, clonazepam, diazepam, lorazepam, flunitrazepam, midazolam e zolpidem, vendidos em farmácias e drogarias entre 2011 e 2018. Os dados foram acessados com exclusividade pelo portal de notícias R7 na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Estimativas da Associação Brasileira do Sono já apontaram que cerca de 73 milhões de pessoas sofrem de insônia no País. Também cabe lembrar outro proble-

ma: a ansiedade, epidemia que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), afeta 18,6 milhões de brasileiros e coloca o País no ranking dos mais ansiosos do mundo. A questão que surge é: a ingestão está sendo feita de forma responsável?

O QUE SÃO?

Em entrevista à **Folha Universal**, Cláudio Meneghello Martins, médico psiquiatra e diretor-secretário da Associação Brasileira de Psiquiatria, esclarece que os oito princípios ativos listados anteriormente pertencem à família dos benzodiazepínicos, grupo de fármacos que contém propriedades tranquilizantes, sedativo-hipnóticas e/ou anticonvulsivantes. “O que difere um do outro é a variabilidade na ação”, explica.

Ele reforça que, por serem remédios controlados, a venda deve ser feita apenas sob orientação médica. “Contu-

Por hora, foram vendidas 6.471 caixas e, em 365 dias, ingeridos 1,4 bilhão de comprimidos

do existe um grande mercado paralelo, como ocorre com todos os fármacos no Brasil, e se instala um processo de dependência desse perfil de medicação”, afirma o psiquiatra. Ele acrescenta que “tem um porcentual grande de pessoas que fazem uso disso. Não sei até que ponto podemos estabelecer uma correlação com o indicador, mas sabemos que o uso inadequado e também a desassistência no sistema de saúde pública, que tem muitas limitações, podem favorecer o número.”

Quanto à automedicação, Martins lembra que

“sempre é um risco” e também as consequências do uso, sobretudo, a longo prazo. “Grandes danos vão para a área cognitiva, para capacidade de concentração, a memória, o prejuízo na capacidade laboral e na produção do dia a dia. Nos idosos, muitos pensam se tratar de um processo demencial, o que, na verdade, é um déficit vinculado ao uso dessa substância.”

DEPENDENTES?

O clonazepam já teve seus dias de salvador da pátria – e do sono – de muitos brasileiros. Em 2010, foram comercializadas cerca de 2,1 toneladas desse princípio

ativo, o que faz do Brasil o maior consumidor do mundo. No entanto, a principal indicação do remédio, que é tratar crises de ansiedade e epilépticas, perde seu reconhecimento de base para seu efeito colateral: como promove o relaxamento muscular, o sono vem incluso no pacote e isso explica a grande procura.

O especialista explica que dormir é essencial e que a ausência de sono pode agravar o desempenho e causar irritabilidade. Ele ►

